

VESTÍGIOS DE CLUNY NO POEMA DE MIO CID

María de la Concepción Piñero Valverde*

RESUMO: Apoiados por reis cristãos, os monges da Ordem de Cluny assumem importante papel na Espanha medieval, e marcas de sua presença se encontram também no *Poema de Mio Cid*. Uma delas é o episódio do mosteiro de Cardeña, historicamente ligado à observância, ainda que não à jurisdição de Cluny. O abade, no *Poema*, acolhe o Cid e segue a liturgia romana, assim afirmando a autonomia política e a fidelidade ao papado, próprias dos cluniacenses. Também os episódios do bispo dom Jerônimo, historicamente monge de Cluny, revelam, no *Poema*, sua formação monástica, que se manifesta no zelo pela "guerra santa" e em práticas religiosas próprias de sua Ordem.

Palavras-chave: papado, ordem monástica, autonomia política.

Em 1790 – há duzentos anos portanto – as mudanças trazidas pela Revolução Francesa levavam ao fim da vida monástica numa abadia cujo nome, desde os tempos medievais, se confundia com o de uma cidade: Cluny, na Borgonha. Ali fora fundada, no ano de 910, uma comunidade religiosa que buscava a reforma dos monges beneditinos e que, além de alcançar esse intento, chegou a ter extraordinária importância na Europa de seus tempos. Pois,

"(...) si Cluny fue un monasterio que pasó a ser cabeza de una congregación, *el ordo cluniacensis* (...), sólo su influencia estrictamente monástica fue mucho más allá de las fronteras de la misma, y desbordadas todas las vallas cenobíticas, de alcance eclesial ilimitado, como también en la política coetánea."¹

(*) Professora no Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP.

(1) CONDE, Linage A. "El Movimiento Cluniacense en España, in Antonio Linage Conde et alii, *História de la Iglesia en España*, II 1º, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, pp. 171-172.

Assim, ao lançar os fundamentos da igreja abacial de Cluny, em 1088 – data que acaba de completar nove séculos – o abade Hugo contava com o apoio de poderosos senhores cristãos. Mas nenhum deles seria mais devotado a essa ordem monástica que o rei Afonso VI, de Leão e Castela. Já seu pai, Fernando I, havia estabelecido laços de estreita amizade com os religiosos cluniacenses, instituindo em seu favor o pagamento de um censo. Afonso viera reforçar os laços de sua dinastia com a Ordem. A intercessão dos monges lhe havia alcançado a liberdade do cárcere em que o mantinha seu irmão Sancho; além disso, casando-se com uma sobrinha de Hugo de Cluny – Constança de Borgonha – Afonso se tornara pessoalmente ligado ao superior da célebre abadia². Não surpreende, portanto, que a gratidão e o parentesco o inspirassem a dobrar o valor do censo criado por seu pai em benefício dos monges cluniacenses.

O favor de Afonso VI e, em geral, dos monarcas de Leão e Castela, foi decisivo para a penetração e expansão do monacato de Cluny em toda a Península Ibérica. E a ação dos monges reformados "en ningún otro territorio llegó a la preponderancia multiforme que en nuestros Estados peninsulares"³. Muitas circunstâncias se reuniam para ajudá-los. Se Afonso VI pedia ao papa a vinda dos cluniacenses a fim de promover a reforma da observância beneditina em seus reinos, o pedido só poderia encontrar acolhida e apoio junto a um pontífice, Gregório VII, que era também monge de Cluny. As mais altas autoridades eclesiásticas e seculares, pois, abrem a Cluny as portas da Espanha.

É por ordem real que os beneditinos reformados recebem os primeiros mosteiros que ocuparam na Península Ibérica. Alguns desses mosteiros eram cedidos a Cluny a título de doação – caso, por exemplo, de San Isidoro de dueñas (1073). Outros, contudo, lhes eram entregues somente para efeito de neles se introduzir a observância reformada da Regra de São Bento. O caso de Sahagún (1079) configura esta segunda modalidade⁴. Para avaliar o que representou a entrada dos cluniacenses na história eclesiástica espanhola desses tempos, é suficiente aqui recordar os nomes de alguns desses monges, ocupantes de sedes episcopais hispânicas de fundamental importância. Entre esses nomes estão o de Bernardo, arcebispo de Toledo (1085), Dalmácio, bispo de Santiago (1094), Jerônimo, bispo de Valença, Samora e Salamanca (1098-1120)⁵. Este último, note-se

(2) Sobre as relações entre Cluny e Afonso VI, ver "Disputas de Monasterios", in Luis Rubio García, *Realidad Y Fantasía en el Poema de Mio cid*, Murcia, Universidad, 1972, pp. 32-36. Sobre o movimento cluniacense na Espanha, e especialmente sobre a vinculação leonesa e castelhana a Cluny, ver A. Linage Conde, *op. cit.*, pp. 171-192.

(3) CONDE, Linage A. "El Movimiento Cluniacense en España", *op. cit.*, p. 172.

(4) *Id.*, *ibid.*, p. 184.

(5) *Id.*, *ibid.*, pp. 187-188.

desde já, é lembrado também pelo *Poema de Mio Cid*, como personagem de particular relevo.

Se quiséssemos alargar ainda mais o exame do papel dos monges de Cluny na sociedade espanhola medieval, teríamos um notável elemento de pesquisa na história do desenvolvimento do culto a Santiago. A devoção ao Apóstolo, cujo nome seria invocado pelos cristãos peninsulares nas lutas contra os adversários muçulmanos (dado também presente no *Poema*) e a peregrinação a seu túmulo, tido como existente em Compostela, na Galiza, foram fervorosamente divulgadas pelos cluniacenses. Graças a eles se criaram verdadeiras redes monásticas de hospedarias de peregrinos, ao longo dos roteiros que ligam a França ao norte da Espanha. Se é inegável, hoje, a originalidade fundamental da épica hispânica, parece também certo que tanto nesse campo quanto no da lírica peninsular existem traços do intercâmbio cultural surgido no caminho de Santiago: haja vista a figura do peregrino na primitiva poesia galego-portuguesa. Com esses elementos, portanto, podemos agora lançar os olhos às páginas do *Poema de Mio Cid* que mais de perto se relacionam com a vida monástica da Espanha medieval.

Já dentre os primeiro trechos do *Poema* nos deparamos com um episódio que imortaliza um mosteiro ainda hoje existente: San Pedro de Cardeña. Historicamente conhecido desde o século X, o mosteiro de Cardeña teve a glória de abrigar as tumbas do Cid e de sua esposa, Ximena, e foi um poderoso centro de difusão do culto ao herói. Não faltam estudiosos de peso que atribuem a Cardeña possível influência na formação de relatos aceitos pelo *Poema*. Russel não hesita em "sugerir que el poema castellano, en la forma en que ha llegado a nosotros, muestra posiblemente más indicios de la influencia de las leyendas cidianas de Cardeña que los que admiten las teorías aceptadas"⁶. Assim, por exemplo, a inesperada extensão do episódio das arcas de ouro, no início do *Poema*, e a precisão com que se descrevem essas arcas podem ao menos indicar "la posibilidad de que se trate de unas reliquias del Cid para las que se necesitaba una historia, aunque la existencia de las arcas como reliquias no aparezca testificada en las leyendas cidianas de Cardeña hasta una fecha tardía"⁷ Também María Eugenia Lacarra concorda com a opinião de que o autor do *Poema* se aproveitou da tradição de Cardeña, embora julgue pouco provável que esse autor estivesse diretamente ligado ao clero⁸. Seja qual for a historicidade que se atribua à hospedagem prestada

(6) RUSSEL, Peter E. "San Pedro de Cardeña y la Historia heroica del Cid", in *Temas de "La Celestina" y otros estudios*. Barcelona, Ed. Ariel, 1978, p. 75.

(7) *Id.*, *ibid.*, p. 105.

(8) LACARRA, M^a Eugenia. "El *Poema de Mio cid* y el Monasterio de San Pedro de Cardeña", in *Estudios Medievales*, Homenaje a don José M^a Lacarra de Miguel, II, Zaragoza, Universidad, 1977, p. 92.

pelo mosteiro a Rodrigo e à sua família, ou o papel que possa caber a Cardeña na redação do *Poema de Mio Cid*, certo é que entre os versos 208 a 390 do *Poema* particular atenção é prestada às relações entre o Cid e a comunidade dos beneditinos de San Pedro. Além disso, o abade de Cardeña – Sancho, segundo o *Poema*, Sisebuto, segundo a História (divergência que tem dado margem a numerosas interpretações) – é várias vezes mencionado, nesse episódio (cf. os versos 237, 243, 256, 383 e 387) e mais adiante (cf. o verso 1286). Antes, porém, de examinar alguns desses trechos, é preciso tentar esclarecer até que ponto o mosteiro de San Pedro de Cardeña podia ser considerado comunidade vinculada a Cluny. Somente assim será possível tomar como indícios de presença dos cluniacenses no *Poema* as referências àquela comunidade.

Em sentido estrito, não cabe afirmar que Cardeña fizesse parte da Ordem de Cluny. Não teve êxito o projeto de entregar o mosteiro à jurisdição cluniacense. Efetivamente, não foi bem sucedido o rei Afonso VII ao querer cedê-lo em doação ao abade de Cluny, Pedro o venerável, em troca da dispensa de pagar o oneroso censo instituído por seus predecessores no trono de Castela e Leão. ao saberem desse plano, os monges espanhóis recorrem ao papa, a fim de preservar a autonomia de que até então haviam desfrutado. E conseguem mantê-la, convencendo o pontífice de que não necessitavam submeter-se a uma Ordem cujas reformas já haviam adotado⁹ Por outras palavras, os monges de San Pedro de Cardeña, como outros beneditinos europeus, aceitaram o estilo cluniacense de organização monástica, ainda que sem admitir vinculação jurídica a Cluny. Algo de semelhante, ficou dito acima, havia ocorrido em Sahagún, bem como em muitas outras casas religiosas postas sob a regra de São Bento. Assim se entende a afirmação de que "las anexiones de casas españolas a casas francesas fueron numerosas, aunque la mayor parte no hicieron más que aceptar la observancia de Cluny"¹⁰ Pois é justamente quanto à vigência da reforma cluniacense no âmbito do mosteiro de Cardeña que o texto do *Poema de Mio Cid* vem oferecer-nos indícios preciosos.

Relendo com atenção as passagens do *Poema* que fazem alusão ao ambiente da casa religiosa onde se abriga o Cid, é possível notar algumas das características marcantes do monacato, tal como vivido pela reforma de Cluny. Não insistimos demasiado no acolhimento reservado ao herói, já que a hospitalidade é expressamente inculcada pela própria Regra de São Bento e tradicionalmente efe-

(9) A. Linage Conde, *op. cit.*, p. 209; M^a E. Lacarra, *op. cit.*, p. 86; L. Rubio García, *op. cit.*, p. 35-36.

(10) URBEL, Fray Justo Pérez de. "El monacato español en la Edad Media. Sus orígenes y evolución hasta nuestros días", in *Historia de la Iglesia*, XII, Apéndice, Valencia, EDICEP, 1976, p. 667.

recida por todas as comunidades monásticas que a observam. "Omnes supervenientes hospites tanquam Christus suscipiatur, quia ipse dicturus est: 'Hospes fui, et suscepistis me'"¹¹, diz o Patriarca de Núrsia. E os monges de Cardeña não eram exceção entre seus filhos. Contudo, já vimos que essa tradição de hospitalidade tomou corpo entre os cluniacenses, que passaram a organizar toda uma rede de hospedarias ao longo do caminho das peregrinações a Santiago de Compostela. Pois dessa atenção de Cluny para com as peregrinações participaram, até por interesse utilitário, os beneditinos de Cardeña. Assim, "podían beneficiarse del auge económico surgido a lo largo del Camino de Santiago por medio de la posesión y administración de albergues y hospitales"¹² Por diversas razões, portanto, os monges de Cardeña, como os de Cluny, haviam de receber de boa vontade a quem lhes batesse à porta. Ainda mesmo no caso do Cid e de seus homens – caídos na desgraça do rei – é com mostras de alegria que toda a comunidade acolhe ao foragido:

¡Dios, que alegre fue el abbat don Sancho!
Con lumbres e con candelas al corral dieron salto;
con tan grant gozo reciben al que en buen ora nasco:
'¡Gradesco lo a Dios, mio Cid!' dixo el abbat don Sancho;
'Pues que aqui vos veo prendet de mi ospedado'
(PMC, vv. 243-247)¹³

Não se trata apenas do cumprimento resignado de um dever, nem é somente o superior quem "alegre fue". Pelo contrário, são todos os habitantes de San Pedro de Cardeña que "con tan grant gozo reciben" ao recém-chegado, confirmando, com suas presenças e seus gestos, o convite de hospedagem partido de don Sancho: "prendet de mi ospedado". Já por esses motivos podemos deduzir que estamos diante de uma comunidade religiosa reformada, isto é, afervorada em seus ideais de espiritualidade, e Não de um mosteiro decadente, relaxado e superficialmente observante. Mas se assim se pode concluir, no caso de Cardeña, temos aqui outro indício de que o movimento de Cluny, em seu esforço de elevar o teor da vida cristã nos mosteiros beneditinos, não passava em vão por aquele recanto da Espanha. Observe-se, ainda, a esse respeito, que o abade de Cardeña não é louvado

(11) *Sancta Regula*, LIII, 1, Texto citado conforme a edição de García M. Colombas, *San Benito, su vida y su regla*, 2ª. ed., Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1968, p. 608.

(12) LACARRA, M^a Eugenia, *op. cit.*, p. 89.

(13) Utilizamos a abreviatura PMC para as referências ao *Poema de Mio Cid*, aqui citado segundo a edição de Colin Smith (Madrid, Cátedra, 1982).

meramente por ter acolhido o Cid. O principal elogio que lhe é feito está em apresentá-lo como

El abbat don Sancho christiano del Criador

(PMC, v. 237)

isto é, como um cristão segundo os desígnios divinos. Temos, portanto, um monge piedoso e reto, seguido com "grant gozo" por seus irmãos de hábito: não é difícil vislumbrar neste passo uma comunidade revigorada pela reforma cluniacense. É sabido que um dos frutos da reforma de Cluny foi causar também na Espanha

"una revivificación de la vida religiosa, que produjo una mayor regularidad y un fervor grande, como lo delatan los nombres de San Sisebuto de Cerdeña (sic), Santo Domingo de Silos, San Iiigo de Oña, San Veremundo de Iracke, San Avito de León, San Fagildo de Antealtares"¹⁴

Segundo Russell, a fama de santidade do abade Sisebuto de Cardeña pode ter sido até mesmo a razão da alteração de seu nome no *Poema de Mio Cid*:

"Hay indicios, por ejemplo, de que *sanctu(m)* (...) podía dar origen en castellano antiguo a la forma **sancho*, en vez de *santo*. La confusión con el nombre propio Sancho podía ocurrir por tanto fácilmente. Berganza, a principios del siglo XVIII, indicó que el "Sancho" del *Poema* podía haber surgido de una lectura equivocada..."¹⁵

Nesse mesmo episódio da acolhida do Cid existe, ademais, um ponto ainda mais notável que faz aproximar Cardeña de Cluny. Ao receberem o Campeador, os monges de San Pedro dão prova de independência da jurisdição secular. Independência completa, pois o mosteiro não se limita a acolher aquele que o rei exilara, a proteger sua família e a fornecer-lhe víveres. Cardeña vai mais longe ao aceitar, além disso tudo, o encargo de ajudar os homens do Cid a conseguir mais guerreiros:

Tornado es don sancho e fablo Albar Fañez:
'Si vieredes yentes ven.r por connusco ir, abbat,

(14) URBEL, Fray J. Pérez de, *op. e loc. cit.*

(15) RUSSELL, P. E, *op. cit.*, p. 91.

dezildes que prendan el rastro e pienssen de andar,
ca en yermo o en poblado poder nos han alcançar'

(PMC, vv.387-390)

Pouco importa que se diga que, historicamente, é duvidoso que o mosteiro quisesse contrariar o rei, que tanto o beneficiara. É certo que podia fazê-lo pois

"por los sucesivos privilegiados de inmunidad se vedaba a los funcionarios reales penetrar en las villas y tierras inmunes para cobrar y exigir tributos, servicios y calañas o administrar justicia, consecuentemente todos (...) quedaban dependiendo de la potestad señorial del abad"¹⁶

Seja como for, certo é que, na consciência do autor do Poema e de seu público, a posição do mosteiro é admitida como verossímil e louvável. Se a esse ponto se chega, é graças à independência que Cluny estabelece com vigor ao rechaçar a ingerência de senhores feudais nos negócios da Ordem. Tal postura, conseqüência do desejo de manter a vida religiosa a salvo de interferências externas, adquiriu extensão muitas vezes imprevista: as comunidades cluniacenses passavam a furtar-se não só à jurisdição dos bispos diocesanos, mas relutavam em admitir até mesmo a supervisão central de Cluny. Também este ponto merece atenção.

De fato, para firmar sua irrestrita autonomia, os cluniacenses se haviam posto sob a poderosa proteção de Roma, rendendo somente ao papado a submissão que negavam às autoridades locais, civis ou eclesiásticas. Já se viu que, em San Pedro de Cardaña, esse traço distintivo dos mosteiros reformados se faz manifesto. Observou-se acima um fato histórico: os monges espanhóis apelam a Roma contra a decisão do rei Afonso VII, que os quer pôr sob a jurisdição da comunidade central de Cluny. Mas os versos de *Poema*, ecoando repetidamente o nome do protetor do mosteiro, São Pedro, advertem os ouvintes de que o fundamento do primado papal é também o guardião da comunidade a que empresta o nome:

A priessa cantan los gallos e quieren quebrar albores
quando lego a San Pero el buen Campeador.

(PMC, vv. 235-236);

Tañen las campanas en San Pero a clamor

(PMC, v. 286);

(16) VELAYOS, Salustiano Moreta, *El monasterio de San Pedro de Cardaña. Historia de un dominio monástico castellano* (902-1338). Salamanca, Universidad, 1971, pp. 181-182.

vansse pora San Pero do esta el que en buen punto naçio.
(PMC, v. 294);

en San Pero a matines tandra el buen abbat
(PMC, v. 318).

Se encontramos a expressão "San Pero de Cardeña" (PMC, vv. 209 e 233), muito mais numerosas são as vezes em que se omite a referência geográfica. Além das que deixamos citadas, vejamos estas:

e mando mill marcos de plata a San Pero levar
(PMC, v. 1285);

Adeliño pora San Pero o las dueñas estan,
(PMC, v. 1392);

remaneçio en San Pero Minaya albar Fañez.
(PMC, v. 1414);

De San Pero fasta Medina en .v. dias van;
(PMC, v. 1451).

Nem se esqueça a devoção da família e dos companheiros do Cid ao Apóstolo, a quem Ximena invoca por advogado do esposo junto a Deus:

i estava doña Ximena con çinco dueñas de pro
rogando a San Pero e el Criador:
'¡Tu que a todos guias val a mio Çid el Campeador!'
(PMC, vv. 239-241).

Súplica semelhante é elevada pela esposa do Cid em sua longa oração:

e ruego a San Peydro que me ajude a rogar
por mio Cid el Campeador que Dios le curie de mal,
PMC,vv.363-364).

Minaya, por sua vez, logo que chega ao mosteiro para buscar as damas, invoca o santo Apóstolo:

deçido es Minaya a Ssan Pero va rogar.
(PMC, v. 1394).

Em resumo, a Cardeña do *Poema de Mio Cid* está nitidamente identificada com a proteção de Pedro Apóstolo. Se antes de algumas batalhas os guerreiros do Cid recorrem a Santiago, em Cardeña é São Pedro quem, abaixo só do Criador, manifesta seu alto poder. Nisso é possível ver a tradução poética do fato histórico a que antes aludimos: Cardeña, aceitando o exemplo de Cluny, entrega à proteção de São Pedro e de seus sucessores romanos a independência que conquistara diante de outras jurisdições, seculares e eclesiásticas.

Pondo-se debaixo da proteção do papado, Cluny não só propagou a liturgia romana nos serviços religiosos, mas levou a essa liturgia influências dos vários territórios habitados pelos monges, sobretudo de territórios franceses. Sabe-se que na Espanha a participação dos cluniacenses foi decisiva também nesse ponto: "Los cluniacenses invadieron la Península. Los encontramos en todas partes: en la Corte, en los cabildos, presidiendo las abadías, gobernando las diócesis. A impulso suyo, muchas cosas se transformaron. El antiguo rito español desapareció..."¹⁷ Esse antigo rito hispânico não era outro senão o subsistente entre os moçárabes, isto é, os cristãos peninsulares que haviam conservado sua religião durante a ocupação muçulmana. É verdade que houve monges cluniacenses favoráveis à continuidade dessa velha liturgia: foi o caso de Roberto, abade de Sahagún, logo substituído por Bernardo, com o apoio de Gregório VII. Em geral, contudo, os beneditinos ligados a Cluny trabalharam por difundir a liturgia romana. É por isso muito significativo que o abade de Cardeña, tal como o descreve o *Poema*, seja convidado pelo Cid a celebrar certa missa votiva inexistente entre os cristãos moçárabes:

la misa nos dira esta sera de Santa Trinidad;

(PMC, v. 319).

Eis uma devoção relativamente recente, trazida pelos monges estrangeiros. De fato, o culto à Santíssima Trindade surge na França carolíngia, onde o monge Alcuíno escreve o texto da missa intitulada, justamente, de *Sancta Trinitate*. A festa litúrgica desse mistério divino foi instituída por Estêvão, bispo de Liège, no princípio do século X. Com a introdução da liturgia romana, os cluniacenses trouxeram à Península Ibérica a nova devoção. O culto das três divinas pessoas, iniciando, portanto, no mosteiro de Tours (onde viveu Alcuíno) e no de Aniane (centro de uma reforma beneditina precursora de Cluny) adquiriu em território espanhol significado particular. Sim, pois na Espanha essa devoção tinha como in-

(17) URBEL, Fray J. Pérez de, *op. e loc. cit.*

tuito corrigir certas distorções sobre o dogma da natureza divina, distorções surgidas na Península desde os tempos de Carlos Magno. Assim, ao celebrar essa missa (cf. PMC, v. 366), o abade de Cardena mais uma vez se mostra em perfeito acordo com as orientações religiosas difundidas por Cluny.

Não se limitam ao episódio da acolhida do Cid, entretanto, os traços da presença cluniacense no *Poema*. Para Russell, a figura do bispo de Valença, dom Jerônimo, companheiro do Campeador, é um dos elementos que mais de perto ligam o texto poético às tradições do mosteiro acolhedor: "es muy posible que la fuente inmediata del Don Jerónimo del poema cidiano era la tradición de Cardena"¹⁸. D. Jerônimo de Périgord, personagem histórico já acima lembrado, teria no *Poema*, entre outras funções a de garantir que Cardena, apesar de sua autonomia, gozava de boas relações com a Ordem de Cluny, a que pertencia o bispo. Diz Russell que

"en su lucha de resistencia a la absorción por Cluny(...), debía ser de lo más útil para los monjes de Cardena el poder convencer a sus amigos y a sus enemigos de que uno de los principales misioneros cluniacenses llegados a España en la época de Alfonso VI había expresado el deseo de recibir sepultura en su monasterio, con lo que ello implicaba de que hubiera introducido allí la reforma cluniacense"¹⁹

Daí a origem das tradições sobre dom Jerônimo em Cardena, tradições que teriam passado ao *Poema*.

Sem entrar no mérito da posição de Russel, nem discutir as dificuldades históricas que ele próprio reconhece (por exemplo, dom Jerônimo não foi enterrado em Cardena, mas na catedral de Salamanca), o certo é que o *Poema* em nenhum momento apresenta o bispo em relação com o mosteiro de San Pedro. É de lembrar, aliás, que esse mosteiro, como todos os de observância cluniacense, zelava por sua autonomia até mesmo diante da jurisdição episcopal, o que poderia tornar inoportuna a apresentação da figura de um prelado a receber homenagens dos monges. Seja como for, o que o *Poema* faz, isto sim, é lembrar que dom Jerônimo estava ligado à mais importante família monástica de então, ou seja, "de una orden religiosa que no necesita ser definida ante su auditorio"²⁰ É o que se torna claro neste verso:

(18) RUSSELL, P. E., *op. cit.*, p. 107.

(19) *Id.*, *ibid.*, p. 107.

(20) *Id.*, *ibid.*, p. 105.

Mi orden a mis manos querria las ondrar

(PMC, v. 2373).

São palavras do bispo ao se dispor a lutar contra o muçulmano Búcar. Esse espírito guerreiro de dom Jerônimo ressalta desde sua entrada no *Poema*:

Las provezas del Çid andava las demandando,
sospirando (el obispo) ques viesse con moros en el campo,
(PMC, vv. 1292-1293).

Já esse ânimo combativo de um eclesiástico leva a pressentir sua formação cluniacense. Pois "Cluny se siente tan novedosamente solidaria con la guerra santa castellana", que isso repercute até em sua posição perante a cruzada internacional de Urbano II²¹.

Não bastassem as palavras do bispo e sua atitude ante os adversários dos cristãos, teríamos ainda no *Poema* outra confirmação dos laços existentes entre dom Jerônimo e Cluny. Trata-se de nova alusão à missa da Trindade, que o bispo se prepara a celebrar antes do combate contra Búcar:

‘Oy vos dix la missa de Santa Trinidad,

(PMC, v.2370).

Não é preciso aqui repetir qual o significado da escolha dessa missa votiva nem qual o papel dos cluniacenses em sua difusão pela Espanha. Encontram-se, finalmente, indícios de outra prática religiosa de Cluny recordada pela ação de dom Jerônimo. Referimo-nos às preces para abreviar as penas purificadoras que pudessem aguardar os cristãos depois de mortos. É sabido que foi um abade de Cluny, Odilon, o introdutor da prática de consagrar anualmente o dia 2 de novembro aos sufrágios pelos defuntos²². Pois dom Jerônimo, tal como o retrata o *Poema de Mio Cid*, não hesita em prometer aos guerreiros, por meio de preces e absolvições, a segurança de uma boa morte, isto é, a passagem imediata do campo de batalha à glória eterna, sem qualquer estágio de purificação. Vejam-se estes versos, em que se relatam as palavras do bispo pouco antes da batalha dos cristãos contra Yuçuf:

(21) CONDE, A. *Linage*, *op. cit.*, p. 187.

(22) Id., *ibid.*, p. 175.

‘El que aqui muriere lidiando de cara
prendol yo los pecados e Dios le abra el alma.

(PMC, vv. 1704-1705).

Antes dessa batalha, como também antes da outra, contra Búcar, o bispo celebra missa por intenção do Cid e de seus homens (PMC, v. 1707). Esse cuidado com o descanso eterno daqueles que se arriscavam a morrer parece indicar mais uma vez, na figura do prelado, a presença da espiritualidade cluniacense.

Em conclusão, pode-se afirmar que os episódios do *Poema de Mio Cid* onde sobressaem as figuras do abade de Cardeña e do bispo dom Jerônimo oferecem indícios da irradiação literária do monacato de Cluny em território espanhol. Sem pretender tê-los apontado todos e sem entrar na questão da influência monástica na redação do *Poema*, o que se procurou com estas notas foi somente chamar a atenção para o possível significado de alguns desses indícios, a fim de que outros estudos venham a retomar e aprofundar as questões aqui levantadas.

RESUMEN: Apoyados por reyes cristianos, los monjes de la Orden de Cluny asumen importante papel en la España medieval, y señales de su presencia se encuentran también en el *Poema de Mio Cid*. Una de ellas es el episodio del Monasterio de Cardeña, historicamente vinculado a la observancia de Cluny, aunque no a su jurisdicción. El abad, en el *Poema*, acoge al Cid y sigue la liturgia romana, afirmando así la autonomía política y la fidelidad al papado, propias de los cluniacenses. También los episodios del obispo don Jerónimo, históricamente cluniacense, revelan, en el *Poema*, su formación monástica, manifestada en el celo por la "guerra santa" y en prácticas religiosas propias de su Orden.

Consignas: papado, orden monástica, autonomía política.